

O patrimônio industrial rural:

as fábricas de compotas de pêssego em Pelotas – 1950 à 1970

Alcir Nei BACH¹

INTRODUÇÃO

Essa dissertação apresenta um estudo sobre as antigas fábricas de compotas de pêssego localizadas na região rural do município de Pelotas.

Conhecida como uma cidade de tradição doceira, Pelotas teve na região rural, dita colonial, um pólo importante de industrialização do doce de fruta, atividade que teve seu início no final do século XIX com a chegada de imigrantes europeus.

Buscou-se fazer um trabalho de localização, registro e documentação desses estabelecimentos fabris e, nessa perspectiva, ao começarmos a pesquisa, verificou-se que, para a grande maioria desses estabelecimentos não havia documentação e em muitos casos até mesmo o prédio já não mais existia. Foi assim que recorremos ao uso das entrevistas de história oral para a recuperação de dados referentes às empresas e seu cotidiano de trabalho, e ao georeferenciamento para o mapeamento dessas unidades produtivas.

Esse registro permitiu recuperar uma paisagem que destoa da atual colônia², ou seja, um espaço povoado por trabalhadores, percorrido por caminhões que faziam o transporte dessa produção e com as chaminés pontuando os locais do trabalho fabril.

A pesquisa foi centrada entre os anos 1950-1970, porque essas décadas representaram, respectivamente, o crescimento, o apogeu e o declínio das fábricas de compotas da zona rural do município de Pelotas, conforme levantamento efetuado durante a pesquisa e a compilação de dados. Como demonstrativos disso, temos registradas trinta fábricas nos anos 1950, cinquenta e sete na década seguinte e, em 1970, já se observava um declínio significativo, com apenas vinte e nove unidades fabris em funcionamento.

A área do trabalho compreende o município de Pelotas³, antes das emancipações dos Distritos de Capão do Leão, Morro Redondo, Turuçu e Arroio do Padre, que totalizava cerca de 3000 km².

¹ Professor da Universidade Federal de Pelotas. Especialista em Geografia do Rio Grande do Sul pela Universidade Católica de Pelotas, mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (ICH/UFPel).

² O termo colônia está sendo usado para designar uma área localizada na zona rural de um município no sul do Brasil.

³ Pelotas possui atualmente 1.609km² de área.

A partir da instalação dessas fábricas na zona rural do município, iniciou-se uma relação de trabalho com a comunidade colonial do entorno. A característica artesanal dessa indústria lhe permitia que os ensinamentos e técnicas empregadas, na maioria das vezes, fossem adquiridos de forma empírica; isto é, na prática, a partir do contato com alguns produtores de compotas, que se encarregavam de repassar para os demais. Nessas fábricas, o que ainda existe de vestígios dos edifícios fabris e das atividades vinculadas ao plantio e ao processamento do pêssego, se constitui como exemplos de patrimônio industrial rural, pois ali se associam modelos construtivos (os edifícios fabris), técnicas e maquinários, com conhecimentos, cujo repasse se deu pela tradição, tal como o da feitura do doce em calda.

METODOLOGIA

A concepção de patrimônio tem no imaterial um imenso campo de investigação e valorização, conforme a Conferência Geral da *Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura* (UNESCO), em sua 32ª sessão, realizada em 17 de outubro de 2003, em Paris, na qual foi enfatizada a valorização dos aspectos culturais de uma sociedade como valor patrimonial. Assim, é possível valorizar esses fazeres e saberes do chamado “colono”⁴, tanto no que se refere ao cultivo da fruta e ao desenvolvimento de técnicas de plantio e cultura, como aos saberes vinculados ao doce em compota, que muitos dizem ter aprendido na cadeia geracional familiar.

Quando percorremos a estrada principal que liga as localidades da zona colonial à área urbana de Pelotas, constatamos um grande número de prédios industriais. As edificações, o maquinário, os equipamentos, as instalações, se definem, para fins desse estudo, como patrimônio industrial, ao qual devem necessariamente ser acrescentados os saberes, as formas de fazer do doce de fruta, os conhecimentos que foram sendo transmitidos numa longa cadeia geracional. Assim, essa idéia de patrimônio industrial nos leva a pensar no aspecto de inversão que apresenta, pois o que era um lugar de trabalho se transforma num lugar de memória.

O patrimônio industrial rural, no caso específico de Pelotas, é entendido como sendo esse grande número de fábricas de compotas de pêssego encontrado na zona rural e que foram responsáveis pelo desenvolvimento e crescimento econômico de determinadas colônias, influenciando comunidades inteiras. Sua dinâmica e suas manifestações ainda podem ser encontradas e analisadas, pois, em alguns casos, estão em plena atividade.

⁴ O termo colono assume aqui o caráter de uma categoria de análise associando espaço (o meio rural), procedência (descendentes de imigrantes) e procedência social (quando se refere à condição camponesa do colono, sua inserção numa comunidade rural e a difícil adaptação ao mundo urbano).

A imagem da chaminé, ícone da cidade industrial, também aparece no cenário rural, e é apresentada como o vestígio maior dessa atividade industrial que movimentou a região no período analisado e, no tempo em que essa produção ocorreu, era também um elemento distintivo de progresso econômico para a empresa que representava.

Para a realização dessa pesquisa foram utilizados os registros orais obtidos com ex-trabalhadores, empresários, pessoas pertencentes às comunidades analisadas. Além disso, se buscou fazer um levantamento da documentação existente sobre essa temática, recolhendo materiais de naturezas diversas, tais como relatórios, atas, registros de empresas, material de divulgação das mesmas, rótulos, fotografias, documentação de caráter pessoal, tais como cartas e outros registros. Também os periódicos locais, bem como registros de programas de rádio, foram fontes importantes.

Os depoimentos orais foram fundamentais para a recuperação de elementos do cotidiano dessas fábricas rurais, dados que não aparecem em registros formais como atas etc. Tal como afirma Simson (1991, p. 19), a anexação de uma informação oral ao registro visual permite “estabelecer uma série de relações e interpretações” que possibilitam enriquecer “a reconstrução do fenômeno estudado”. Essas narrativas orais são normalmente registros de experiências vividas pelo sujeito e apresentam uma temporalidade própria, pautada pelos eventos que o entrevistado considera de maior relevância em sua vida.

Os materiais de origem visual foram elementos ativadores da lembrança muito utilizados nessa pesquisa. A fotografia atuou como evocadora de outras memórias o que pôde ser verificado quando eram apresentadas imagens pelos próprios entrevistados, ou quando o pesquisador fornecia essas imagens, como materiais publicitários das fábricas, rótulos de compotas etc.

A partir das lembranças surgidas e relatadas oralmente, é que o pesquisador passa a conhecer fatos, costumes e crenças que alicerçam a memória de uma comunidade. O observador-relator, ao contar suas vivências, não informará apenas sobre um dado contexto, mas estará, também, revelando a sua dimensão de vivência histórica, a qual se fundamenta em “*una consciencia del pasado no solamente conocido, sino personalmente sentido*” (THOMPSON, 1988, p. 18).

Ao fazer uso da fotografia e dos relatos orais, pretendemos obter “uma visão de conjunto que uma única fonte de dados não permite alcançar” (SIMSON, 1991, p. 21). Uma visão que, certamente, permitiu identificar alguns determinantes do *modus vivendi* dessa comunidade, tais como valores socioculturais, técnicas construtivas empregadas, condições econômicas, saberes e práticas desenvolvidas e percepção espacial, fatores esses decisivos da forma de produção e ocupação do espaço.

O relato e a imagem, juntos, formam uma ferramenta poderosíssima de comunicação que a sociedade tem a seu dispor.

Para Halbwachs (1990, p.51), “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, porque a memória, segundo o autor, não se constitui na individualidade do ser, mas na relação com os grupos sociais que, de acordo com Bosi (1987, p.17), se caracterizam pelos “grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”. Esses grupos formam suas relações com base em espaços socializados que, constituídos de uma materialidade produzida por gerações, são capazes de se imporem como uma força condutora.

Desta forma, a casa, a igreja, a escola, a fábrica, são lugares que contam, pelos pisos, paredes, móveis, objetos, máquinas e equipamentos, um pouco da memória social da colônia. São ambientes identitários organizados a partir de uma concepção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho de pesquisa voltou-se para a busca de recuperação da importância dessa indústria rural do doce na região de Pelotas. Os edifícios fabris, o maquinário ainda existente, os saberes e vivências das pessoas que trabalharam nessa atividade, compuseram uma paisagem cultural que pode ser compreendida como patrimônio industrial rural.

Se no começo dessa atividade tivemos a instalação de uma atividade ainda muito artesanal de produção de compota de pêsego, vinculada a uma propriedade e um núcleo familiar, o que pudemos observar depois foi uma expansão dessa atividade, passando as fábricas por um processo de multiplicação juntamente com os pomares que iam se espalhando pela zona colonial, se concentrando em algumas colônias do município, encontrando clima e solos propícios para o seu desenvolvimento.

Os dados obtidos na pesquisa nos permitem falar de um espaço industrial que, formado na região colonial, gerou uma grande abertura de postos de emprego, quer na lavoura, cuidando do pomar, ou na safra, com as contratações de safristas nas fábricas, inclusive utilizando mão-de-obra da zona urbana para suprir as vagas que a colônia não preenchia.

A pesquisa fotográfica mostrou que as fábricas não seguiam um padrão arquitetônico característico da indústria das zonas urbanas, nem tampouco havia a preocupação em contratar um profissional da engenharia ou arquitetura para fazer um projeto. Os relatos orais nos mostram que muitas vezes o proprietário e a família construía, sob a forma de mutirão, com o auxílio dos vizinhos, uma indústria na colônia. Da mesma forma, com relação aos equipamentos utilizados nas várias etapas do processamento, cada proprietário inventava ou

adaptava algum equipamento para lhe facilitar uma tarefa a ser feita. Ainda característica dessa atividade industrial rural era a vinculação com a unidade familiar do proprietário. Isso ficou demonstrado em várias entrevistas e documentos fotográficos obtidos ao longo da pesquisa. A relação entre família empreendedora e estabelecimento fabril foi marca fundamental dessa indústria da compota do pêssego, sendo por vezes o próprio espaço da fábrica uma extensão do espaço doméstico, envolvendo o grupo familiar nas várias etapas dessa atividade.

O trabalho com fontes orais nos permitiu recuperar o cotidiano dessas fábricas, entender o processo de trabalho desde o pomar até o transporte da fruta processada em compota até o mercado urbano. Esse processo de trabalho, envolvendo grupos familiares, apresentava um alto grau de informalidade, pois, de acordo com os relatos orais, poucas unidades fabris tinham um registro empregatício das pessoas que ali trabalhavam e via de regra o recolhimento de tributos e contribuições era feito de maneira bastante parcial.

Essas memórias recuperadas pelos ex-trabalhadores, patrões e pessoas que viveram essa paisagem industrial na colônia, abordam também o outro lado do trabalho, que eram as relações pessoais fortemente marcadas (famílias inteiras sendo empregadas), bem como o lazer desse trabalhador colonial, que acontecia através dos jogos de futebol nos finais de semana, dos bailes nos salões coloniais, das festas religiosas, das festividades relativas ao pêssego etc.

Com a euforia do “milagre econômico” no Brasil, em meados da década de 1970, grandes indústrias conserveiras do centro do país, detentoras de um aporte tecnológico avançado, instalaram-se em Pelotas fazendo frente às pequenas indústrias artesanais locais que, sem capital, não conseguiram renovar seu parque fabril, já ultrapassado. Desta forma, sem condições de competir com as grandes fábricas, a maioria fechou suas portas. Hoje, não passam de vestígios materiais de um patrimônio industrial que se desenvolveu na zona rural do município.



Figura 1 - Estado atual da fábrica de Pedro Juvêncio Vergara na colônia Santo Antônio.
Fonte: autor 2008



Figura 2 - Equipamento abandonado da fábrica de Pedro Costa Lima na localidade de Cascata.
Fonte: autor 2008



Figura 3 - Colocação manual de rótulo na fábrica de Albino Schaun na década de 1960.
Fonte: acervo Ivo Schaun.

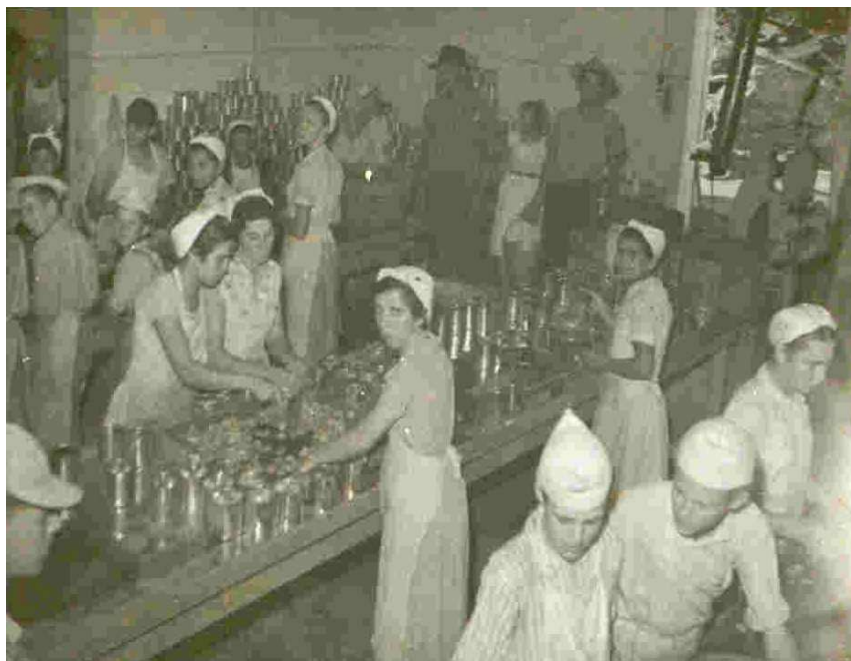


Figura 4 - Fábrica de Alfredo Kohls em funcionamento na década de 1960.
Fonte: acervo Paulo Grupelli.



Figura 5 - Desfile de candidatas à Rainha do Pêssego em 1965.
Fonte: acervo EMATER/Pelotas



Figura 6 - Fábrica de João Casarin, na localidade de Colônia Maciel, que fora do período da safra era transformada em salão de baile, 1971.
Fonte: acervo João Casarin.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1987.
- CURY, Izabella (org.) **Cartas Patrimoniais**. 3 ed., Edições do patrimônio, IPHAN/Ministério da Cultura, Rio de Janeiro, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Indústria e Comércio. Companhia Nacional de Desenvolvimento Industrial e Comercial do Rio Grande do Sul. **Perfil do Pêssego – 1975**. Porto Alegre, 1975.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Depoimento Oral e Fotografia na Reconstrução da Memória Histórico-Sociológica: reflexos de pesquisa. **Boletim do Centro de Memória, UNICAMP**. v.3, nº 5, p. 14-24 jan/jun. Campinas, 1991.
- THOMPSON, Paul. **La voz del pasado. La historia oral**. Valência, Espanha: Ediciones Alfons el Magnánim, 1988.